O Anti-Americanismo em Questão

Nicolas de Santis

Ian Lesser

Bruno Cardoso Reis

Mark Heller

M. R. de Moraes Vaz

Mario Telò

A Europa e os EUA tem entrado em rota de colisão numa série de questões essenciais para o futuro do sistema internacional: de Kioto até a OMC, passando pelo TPI. O conflito no Afeganistão levou a que, de novo, se vissem nas capitais europeias manifestações contra uma acção militar norte-americana. Aproveitando a presença de uma série de especialistas de várias nacionalidades para XIX Conferência Internacional de Lisboa, procurou esclarecer-se se o anti-americanismo está de volta às Américas e à Europa, se ele nunca deixou de existir, ou se já não existe e estes factos nada tem que ver com ele.

NICOLAS DE SANTIS: Nós não aprofundamos devidamente a reflexão em torno do anti-americanismo, que geralmente remetemos apenas para a extrema esquerda. Todavia, também há um anti-americanismo de direita, ou de extrema direita, assente na ideia de uma terceira via, nem capitalista nem comunista, nem com os EUA nem com a URSS, e numa ideia de Europa de novo protagonista essencial a nível mundial pela coligação dos seus grandes nacionalismos históricos. Em suma, uma ideia fascista da Europa que nada tinha que ver com a visão da Europa de um De Gaspari ou de um Monnet. Mas que era profundamente hostil à influência supostamente diletéria dos EUA.

Estas duas fontes de anti-americanismo ideológico ainda sobrevivem. Claro está que não têm hoje a força que tinham durante a guerra fria. Porque o confronto político se amenizou, e, por exemplo em Itália, mas não só, a esquerda comunista e a direita fascista mudaram por forma a aceder ao poder. Hoje apenas temos os restos destes confrontos ideológicos.

A verdade, no entanto, é que a maioria da opinião pública nos principais países europeus (França, Itália, Alemanha, para não falar da Grã-Bretanha que tem uma afinidade especial com os EUA), quando interrogada em sondagens, e mesmo da maior parte dos países europeus, com a excepção da Grécia e a possível excepção da Espanha vêm os EUA como uma super-potência talvez excessivamente interventiva, mas que é necessária e positiva em momentos de crise na Europa, como no caso da Bósnia e do Kosovo. A maioria não pensava que a Europa sozinha conseguisse resolver o problema. Com a excepção da Grécia, por várias razões – proximidade religiosa e cultural com a Sérvia, a ideia de que Washington preferiu sempre a Turquia e apoiou a ditadura militar grega – o anti-americanismo é hoje minoritário na Europa. Mesmo as críticas actuais à guerra no Afeganistão não têm o extremismo que teriam na época da guerra fria. Os ataques aos EUA são essencialmente críticas a determinadas política ou atitudes.

IAN LESSER - Mas trata-se de um fenómeno global e que atravessa igualmente toda a sociedade? Por exemplo, este tipo de postura face aos EUA está a crescer ou a diminuir a nível da juventude?

N. de S. - Penso que se trata de um fenómeno muito generalizado. Até porque as gerações mais jovens são cada vez mais alheias à política, são muito menos sensíveis a guerras ideológicas do que aquilo que sucedia nas décadas de 60 e 70, e até de 80.

BRUNO CARDOSO REIS - Mas penso que há um factor novo e importante, que tem a ver com as preocupações ambientais, as quais são especialmente importantes para a juventude europeia. E aqui os EUA estão a perder terreno. Há o risco de um anti-americanismo crescente por causa das políticas norte-americanas neste campo, nomeadamente e de forma mais visível, a sua recusa em ratificar o protocolo de Kioto.

I. L. - Este é um ponto importante. Há a questão do fosso crescente entre os EUA e a Europa, não tanto ao nível da política externa em si mesma, mas mais ao nível dos valores fundamentais, das políticas sociais, do ambiente, etc. Coisas que podem parecer intangíveis e, por isso, secundárias, mas que são essenciais. E toda a gente na Europa conhece e está consciente das atitudes norte-americanas nestas questões. Nós somos das sociedades mais expostas a nível mundial, mais sujeitas a uma visão interessada mas também, muitas vezes, crítica.

Por outro lado, há um elemento estilístico, que tem, nomeadamente, a ver com a imagem pública do presidente norte-americano. Por exemplo, durante a presidência de Clinton as coisas pareciam mais fáceis na relação com os europeus. G. W. Bush com certeza herdou alguns problemas de fundo, mas também parece ter tornado as coisas piores.

ÁLVARO DE VASCONCELOS - Isso é verdade. G. W. Bush representa aquilo que a Europa mais objecta nos EUA, por exemplo, uma defesa forte e a pena de morte. Esta última questão tem imenso peso. O anterior embaixador norte-americano em Paris, recentemente escreveu a respeito da forma como a sua experiência na Europa lhe havia alterado a sua percepção do problema. Ele tornou-se um opositor da pena de morte. E mostrava-se muito preocupado com o crescente impacto negativo na imagem dos EUA na Europa desta questão. Ora, Bush é o antigo governador do Texas (o Estado com mais execuções no EUA), ou seja, para os europeus mais empenhados no combate à pena de morte, o «carrasco» do Texas.

M. R. de MORAES VAZ - Ao considerar-se o anti-americanismo, importa olhar não apenas para as divergências ideológicas internas, mas também para esta questão mais vasta das divergências ao nível dos valores fundamentais. E aqui, penso que não há lugar para dúvida de que existe um fosso crescente entre a Europa e os EUA, não apenas ao nível da pena de morte (que, aliás, como os números mostram claramente, é implicada na América de forma discriminatória), mas também ao nível de uma série de outras questões humanitárias fundamentais, ou da implementação de mecanismo legais internacionais que merecem a oposição ou a dilação dos EUA, como sejam a formação do TPI ou medidas ao nível do controlo do fabrico e venda de armamento. Neste sentido e com este fim pode dizer-se que é bom existir uma oposição aos EUA na Europa.

MARK HELLER - O que eu não percebo é porque é que não existe uma animosidade comparável da parte dos europeus relativamente a muitos outros países em que se verificam práticas muito mais graves quanto a cada um desses pontos (além de muitos outros) que a Europa parece levar tão a mal relativamente aos EUA.

M. R. M. V. - Bem, isso é porque não temos as mesmas expectativas e o mesmo nível de exigência para com eles do que para com o país que reclama ser o farol da liberdade no mundo.

N. de S. - E também porque os EUA são muito mais visíveis, e despertam um maior interesse. A América tem um grande papel no nosso imaginário colectivo, dos filmes até à música passando pela televisão.

I. L. - Sim, e há, de facto, quer da parte dos EUA quer da parte da Europa, essa ideia de que partilhamos essencialmente a mesma visão do mundo, e há portanto

essa expectativa de comunhão de valores essenciais e de políticas fundamentais. Sentimo-nos com o direito de aplicar os mesmos critérios de juízo moral que aplicamos «em casa», por assim dizer.

Á. de Vasc. - Estamos, talvez, já a aproximar-nos de um esboço muito completo das causas profundas e da histórica do anti-americanismo. Há razões ideológicas para o ser, seja ao nível da esquerda marxista seja da direita fascista ou do tradicionalista, que, por exemplo, e no caso português isso é importante, via os EUA como hostil aos impérios coloniais e os culpou e culpa da perda das colónias. E depois há as boas razões para ser anti-americano e que têm a ver com o determinadas políticas norte-americanas a que é possível opor argumentos bem fundados.

M. H. - Isso não é anti-americanismo!

Á. de Vasc. - Eu sei, por si só não é, por isso é que eu falei de "boas razões para ser anti-americano". A questão é se este tipo de posição poderá crescer em termos de números e, sobretudo, se esta divergência ao nível de valores e políticas essenciais se irá multiplicar e aprofundar.

MARIO TELÒ - A minha opinião é a de que não existe hoje um anti-americanismo na Europa. O anti-americanismo é algo muito profundo e definido, com profundas raízes ideológicas. O que tem sido discutido são exemplos de oposição a pontos muitos específicos da política norte-americana. O verdadeiro anti-americanismo é uma attitude enraizada em três grandes correntes da cultura europeia a partir da revolução americana de 1776. O movimento liberal europeu foi, desde o início, pró-americano, e assim permaneceu. Mesmo aristocratas como Laffayette e Tocqueville era pró-americanos. Oposto ao modelo americano havia, desde logo, a corrente católica, que via na sociedade norte-americana o oposto do ideal de uma sociedade católica (ao nível da separação da Igreja/Estado ou do individualismo, por exemplo). Depois temos o anti-americanismo do movimento fascista, que foi importante não apenas em Itália, mas também por toda a Europa. Que, aliás, já foi mencionado como terceira via, tão hostil relativamente ao liberalismo capitalista (de que a América era vista como o exemplo acabado) quanto ao comunismo. Depois, como também já foi referido, o comunismo era profundamente hostil aos EUA, por razões aliás parecidas, e tinha peso no quadro da guerra fria e ao nível da Europa Ocidental, sobretudo nos países do sul. Estas três variantes de verdadeiro anti-americanismo estão hoje mortas. Há talvez ainda uma sobrevivência importante ao nível do movimento católico. O actual papa, por exemplo, é muito crítico do modelo de vida norte-americano.

Isto em termos genéricos e europeus. Depois, poderá haver variações a nível nacional, mas creio que não sairão muito deste quadro geral.

Depois há a tal oposição a determinadas políticas norte-americanas, ao nível do ambiente, das políticas sociais, da pena de morte. E que pode reflectir um entendimento um pouco diferente de determinados valores fundamentais. Mesmo Condolezza Rice num artigo no Le Monde reconhecia haver conflitos de valores entre os EUA e a Europa. A questão é se se trata de uma divergência problemática ou de uma diversidade regional saudável no quadro do mundo liberal ocidental. Eu penso que ainda bem que existem sociedades liberais diferentes, na Europa, nos EUA e no Japão.

I. L. - Concordo até certo ponto, mas não creio que possamos ficar por aí. Deixemos de lado as franjas radicais e mesmo violentas como o 17 de Setembro (grupo terrorista grego), concentrem-nos apenas nos intelectuais, nos decisores políticos. De onde é que vem todas estas reservas relativamente aos EUA? Porque, como norte-americano que viaja com frequência pela Europa eu sinto isso. Penso que há uma componente estilística e uma componente estrutural. Da importância

do estilo já falei um pouco. Quanto à parte estrutural, creio que ela tem que ver não apenas com a crítica ad hoc em relação a determinadas opções políticas, mas tem hoje um contexto mais geral que se traduz no debate em torno da globalização, que sendo evidentemente global, geralmente também é apontada como tendo por protagonista essencial os EUA.

M. T. - Mas essa oposição à globalização também existe nos EUA, portanto não pode ser classificada como anti-americanismo.

I. L. - Claro que este movimento de reacção à globalização é transnacional, e também existe no seio dos EUA. Mas muitos destes sectores no estrangeiro, consideram que ela provém dos EUA, que seriam os grandes beneficiários deste processo, e surgem como defensores de uma variante extrema de capitalismo, que não é apelativo para muita gente a nível mundial, e nomeadamente na Europa. Também é certo que nem todas as críticas dos EUA são anti-americanismo, e é verdade que nós somos muito sensíveis a este tipo de coisas. Um dos traços mais importantes da cultura política norte-americana resulta do facto de nós fazermos um retrato muito moralista de nós próprios. O que resulta no espanto perante o facto de haver quem não gosta de nós. Porque é que não gostam de nós? A sociedade norte-americana está «evidentemente» na senda da perfeição, porquê estas reservas? Parte do choque do 11 de Setembro resulta disto mesmo, subitamente, muitos norte-americanos aperceberam-se que há quem nos odeie profundamente.

M. H. Gostaria de fazer uma pequena observação. Concordo que parte das raízes do anti-americanismo são estruturais, mas entendo-as de forma diversa, no sentido de que resultam de uma oposição e de um ressentimento «naturais» face ao papel dominante dos EUA a nível global. A presença norte-americana a nível político, económico, militar ou cultural é esmagadora. Em todos estes aspectos os EUA surgem como o elefante na loja de porcelanas. Este seu enorme poder como única super-potência, mesmo que apenas fosse usado de forma esclarecida e benigna, ainda assim provocaria ressentimento.

I. A. – É verdade.

B. C. R. – Creio que, de facto, esse tem sido um elemento fundamental ao nível da estruturação da opinião pública global, no lento processo da sua emergência, ao longo dos últimos séculos. Podemos encontrar traços de uma espécie de uma «lenda negra» de algum tipo relativamente a todos os poderes hegemónicos do sistema mundial moderno: contra Espanha no século XVI-XVII, contra a França no século XVIII-XIX, contra a Grã-Bretanha no século XIX-XX e nos séculos XX-XXI contra os EUA.

A. V. Sim, mas há, em todo o caso, uma diferença fundamental entre a imagem da América nos países europeus que foram democracias a partir de 1945, e nos países europeus do sul e, mais ainda, noutros continentes como a América Latina, a África ou a Ásia. Há aqui um fenómeno de fundo, que pode ter sido um pouco abalado pelo impacto do 11 de Setembro, e que foi amenizado, por exemplo, pela atitude de Bill Clinton e que agora voltou em força com Bush. Mas que é mais profundo do que isso. Na Europa do Norte há uma visão essencialmente positiva do papel dos EUA, ou, no máximo uma atitude do tipo amor/ódio, já no caso de países como a Grécia, Espanha e em menor medida Portugal, em que Washington apoiou o lado errado, se empenhou ao lado de ditaduras, aí há uma visão muito mais negativa do papel internacional dos EUA. E o mesmo se verifica, num grau ainda mais forte, por exemplo, na América Central e do Sul, ou no Mundo Árabe.

I. L. Eu penso que, de facto, este é um factor muito importante. Ninguém nos EUA

se recorda de muitas destas intervenções no exterior, ou considera-as erros remotos. Mas a forma como os EUA agiram no Mundo Árabe, ou na América Latina deixou marcas profundas e muitas vezes negativas, criou uma pesada herança de ressentimento.

A. Vasc. Mas podemos agora talvez falar precisamente da América Latina com um especialista da região.

M. H. Ou então falar do anti-brasileirismo na América do Sul, para variar.

ALFREDO VALLADÃO Sim é verdade que existe esse sentimento de reserva face ao Brasil. A grande dimensão, mesmo num contexto regional, motiva desconfianças e ressentimentos.

A. Vasc. Vamos então fazer a ronda final e concluir com essa contribuição latino-americana... Por mim, penso que muito da evolução futura dos termos deste debate dependerá da forma como os EUA irão agir a nível internacional nos próximos anos. Se irão adoptar uma postura de envolvimento com o resto do mundo, numa lógica multilateral e irão apostar no reforço dos organizações internacionais capazes de a promover. Ou se adoptarão uma postura unilateral e de potência hegemónica, que só irá contribuir para o acirrar da oposição às políticas norte-americanas.

M. T. Eu continuo a considerar que é essencial distinguir entre anti-americanismo integral e de base ideológica, que já não existe, e a oposição a determinadas políticas, atitudes ou valores norte-americanos. E ainda bem que esse anti-americanismo ideológico europeu deixou de existir porque ele era idiota, no sentido de ser muito superficial e cair, desde logo, num erro fundamental, o de adoptar uma postura paternalista que subestimava enormemente os EUA. Quanto ao resto, penso que mais do que divergências, faz sentido falar em diversidade, saudável, ao nível das sociedades ocidentais avançadas. E a verdade é que as reacções de oposição relativamente à acção militar norte-americana em curso, foram bem diferentes do que teria sido o caso durante a guerra fria. Mesmo no caso de sectores mais extremistas, como os comunistas italianos, cujo líder teve o cuidado de deixar claro que as suas críticas não resultavam de qualquer reserva a priori face aos EUA, e que as contribuições norte-americanas para a cultura ocidental, do cinema até ao sindicalismo tinham sido essenciais para a sua formação.

M. H. Eu penso que tudo isto, num contexto global, não passa de uma tempestade num copo de água. É evidente que não existe, para referir uma tese em voga, um choque de civilizações entre a Europa e os EUA. As divergências ao nível de questões como a pena de morte, as políticas sociais, são, por assim dizer, divergências no seio da família. E não põem em causa a partilha de valores fundamentais como a democracia, a relação entre os cidadãos e o Estado, o Estado de direito e a separação de poderes.

M. R. M. V. Eu concordo. Mas isso não é tudo. A verdade é que existe um crescente fosso ao nível de valores fundamentais entre os EUA e a Europa que não pode ser subestimado. Deve existir um anti-americanismo na Europa no sentido de uma oposição à tendência dos EUA para, ao mesmo tempo, actuar internacionalmente como defensor de determinadas regras, mas, considerar-se acima dessas normas. Esta mistura de isolacionismo e unilateralismo levam a uma resistência compreensível da parte da Europa e de outras partes do mundo. Por outro lado, e num registo mais céptico, a verdade é que esta reserva relativamente aos EUA tem, de facto, algo de natural. Que tem a ver com o velho

paradoxo de alguém que governa, e, simultaneamente, quer ser amado. As duas coisas simplesmente não ligam. Poder-se-ia dizer, por isso, aos norte-americanos, contentem-se em governar o mundo...

B. C. R. Penso não trair a tese de Mario Telò sintetizando-a no sentido de que houve um anti-americanismo integral e muito demarcado ideologicamente que desapareceu. Parece-me, de facto, que nesse entendimento se pode dizer que deixou de haver anti-americanismo. Hoje já não ninguém anda à procura de utopias na terra e portanto também não há necessidade de construir anti-utopias. Para muitos liberais (e para muitos e muitos imigrantes) europeus do século XIX os EUA surgiam como a terra prometida. E quando surgiu a URSS, muitos comunistas sentiram a necessidade de combater essa ideia em nome de uma nova terra prometida, a Leste e não a Oeste. Isso terá chegado ao fim com a guerra fria. No entanto, parece-me que existe ainda um grupo de pessoas na Europa e, nomeadamente em Portugal, que pode ser minoritário mas é influente, e que pode ou não crescer em função de razões que já foram referidas, que a priori não vêm nada de bom nos EUA. Que consideram que os norte-americanos têm um poder excessivo a nível mundial e o utilizam para promover políticas nefastas de direita. Penso que é legítimo falar de anti-americanismo a respeito deste fenómeno.

I. L. Talvez num contexto global com tantos conflitos dramáticos Mark Heller tenha razão, e isto não passem questões secundárias. Mas a verdade é que existe uma frustração maior como resultado destas divergências, por pequenas que pareçam num contexto global, precisamente porque existe uma forte expectativa dos dois lados do Atlântico de que estamos de acordo em tudo o que é essencial. E para os europeus que vivem ou viveram nos EUA, e para os norte-americanos com a experiência inversa, esta tendência para a divergência, que parece crescente é preocupante, e pode resultar em dificuldades acrescidas de entendimento face a futuras situações de crise.

A. Vall. Há que distinguir, ao discutir-se o anti-americanismo, entre países pobres com governos incompetentes e países ricos com governos competentes. Há anti-americanismo em todos eles, no entanto, ele é de tipo diferente. Nos países pobres com maus governos, o verdadeiro anti-americanismo é uma característica da elite. Por exemplo, no Brasil, é um fenómeno de jornalistas e políticos, sobretudo. E o mesmo sucede, por exemplo, no mundo árabe, o bin Ladin é um exemplo extremo disso. De uma elite que conhece bem os EUA, por vezes até estudou lá, um elite ocidentalizada e alternativa à elite dominante tradicional, geralmente autoritária, que é vista, muitas vezes com razão, como beneficiando de um apoio essencial por parte de Washington. O anti-americanismo não está enraizado nas massas, que, no entanto, podem ser mobilizadas nesse sentido pelas elites. E a verdade é que anti-americanismo é essencialmente interno, ou seja, tem por alvo principal os maus governos que essa elite quer substituir. Quanto ao anti-americanismo nos países ricos com governos competentes. Mais uma vez ele é essencialmente um fenómeno de elite, mas tem a ver com uma lógica de competição. Por exemplo, o caso da Europa, habituada durante séculos a ter um papel dominante a nível mundial e cujo poder entrou em acentuado declínio com o fim dos seus impérios e a ascensão norte-americana. E que pesa particularmente, por exemplo, ao nível França que é o país que eu conheço mais sensível à competição pelo protagonizo a nível internacional, no seio da Europa com a Alemanha, por exemplo, e a nível global com os EUA.